



CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-LITERÁRIAS SOBRE A REVOLUÇÃO ESCRAVOCRATA DE SAINT-DOMINGUE EM *LA ISLA BAJO EL MAR* (2009), DE ISABEL ALLENDE

Tatiana Pereira Tonet¹

RESUMO: O presente artigo expõe uma análise dos fatos fictícios e históricos sobre o conflito escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804), narrados em *La isla bajo el mar* (2009). Diante desse contexto, também foram abordadas algumas questões sociais, econômicas e políticas que desencadearam tal conflito. A Revolução Haitiana foi o maior levante de escravo do mundo, que deu origem à sua libertação e à emancipação da ilha. Após a proclamação da república, Saint-Domingue recebeu o nome de Haiti e se tornou o primeiro estado independente da América Latina, assim como a primeira república negra do mundo. Isabel Allende (2009) desenvolve um discurso ficcional que reconta a história da rebelião dos escravos; narra episódios e personagens históricos, mesclando-os, no mesmo tempo e espaço, aos fictícios.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Haitiana (1791-1804). Romance histórico hispano-americano. *La isla bajo el mar* (2009).

ABSTRACT: The present paper exposes fictional and historic facts about the slave revolution in Saint-Domingue (1791-1804), narrated in *La isla bajo el mar* (2009). Given this context, it will also be analyzed the social, economical and political matters that led to the conflict. The Haitian Revolution was the biggest slave riot in the world, which resulted in the freeing of slaves and the island emancipation. After the Proclamation of the Republic, Saint-Domingue received the name Haiti and became the first independent state in Latin America, just as the first Black Republic in the world. Isabel Allende (2009) elaborates a fictional discourse that retells the rebellion history; narrates episodes and historical characters blending them, in the same time and space, to the fictitious ones.

KEYWORDS: Haitian Revolution (1791-1804). Hispanic American historical novel. *La isla bajo el mar* (2009).

INTRODUÇÃO

A revolução escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804), também conhecida como “A revolução haitiana”, foi, conforme relatos históricos, o maior levante escravo do mundo. Devido ao conflito, os escravos, de origem africana, e os *creoles*², nascidos em Saint-Domingue, foram libertos. Após a proclamação da república, a ilha se tornou a primeira república negra do mundo e o primeiro estado independente da América Latina.

Após treze anos de conflito, em primeiro de janeiro de 1804, os revolucionários proclamaram a independência da ilha de Saint-Domingue, a qual foi novamente chamada de Haiti, nome usado por seus primeiros habitantes, os Arahucos³.

A revolução haitiana inspirou diversos literatos, inclusive a escritora chilena Isabel Allende, que publicou, em 2009, o romance histórico *La isla bajo el mar* (2009). A narrativa híbrida⁴ – mescla de ficção e história – reconta a história do levante escravocrata de Saint-Domingue desde os primeiros povos da ilha até o término do conflito e a nova vida daqueles que se refugiaram em Nova Orleans, cidade norte-americana.

A obra *La isla bajo el mar* (2009) está dividida em duas partes: a primeira, intitulada “Saint-Domingue, 1770-1793”, refere-se a um determinado tempo da vida da protagonista Zarité, desde o ano de seu nascimento até sua partida da ilha de Saint-Domingue, devido à rebelião dos escravos. É nessa parte da obra que ocorre a releitura da maior parte do conflito haitiano. O enredo da segunda parte do romance, “Luisiana, 1793-1810”, desenrola-se em Havana (Cuba) e, em grande parte, ao sul do estado da Luisiana (EUA), destinos dos refugiados de Saint-Domingue. Embora as personagens principais da narrativa não estejam mais na ilha, é nessa parte da obra que é descrito o término do conflito; contudo, os relatos histórico-ficcionais são menos frequentes, comparados à primeira parte da obra.

O objetivo deste artigo é analisar fatos fictícios e históricos sobre a Revolução Haitiana, narrados em *La isla bajo el mar* (2009). Diante disso, serão contextualizados alguns relatos históricos sobre o conflito a fim de constatar a transferência ou transformação desse discurso na releitura da história pela ficção. Para isso, serão descritas as questões sociais, econômicas e políticas que desencadearam a sublevação de origem escrava, a guerra civil, o envolvimento dos espanhóis, ingleses e franceses no conflito, a comissão francesa enviada por Napoleão Bonaparte, a febre amarela, os refugiados de Saint-Domingue, a vitória dos negros e o término do conflito.

A ORIGEM DO CONFLITO

No primeiro capítulo de *La isla bajo el mar* (2009), *El mal español*, encontram-se descrições sobre os primeiros habitantes da ilha de Saint-Domingue, os povos Arahuaacos⁵, que, após a chegada do homem branco – os espanhóis –, foram quase totalmente dizimados. “*En menos de cincuenta años no quedó un solo arahuaco vivo ni de muestra: todos perecieron, víctimas de la esclavitud, las enfermedades europeas y el suicidio*”⁶ (ALLENDE, 2009, p. 15). Esses povos autóctones chamavam a ilha de *Haití*, depois da colonização espanhola, ela recebeu o nome de *La española*.

Cristovão Colombo, segundo Popkin (2012), desembarcou na costa norte da ilha *La española* em sua primeira viagem ao “Novo Mundo”, no ano de 1492. O historiador ratifica as descrições de Allende (2009), ao dizer que os povos nativos foram mortos pelas doenças europeias e pela dura exploração dos homens brancos. Também diz que, no século XVI, os espanhóis encontraram terras mais ricas para a colonização, como é o caso do México e do Peru. Desse modo, abandonaram as ilhas do Caribe, as quais começaram a ser reivindicadas pelos franceses e holandeses. Em 1665, os franceses, ansiosos por expandir seus domínios coloniais à custa de seus inimigos, os espanhóis, solicitaram o território da ilha *La española*, nomeando um governador para estabelecer os limites.

Ainda nesse capítulo, *El mal español*, Allende (2009) descreve que, em fins de 1600, a Espanha cedeu a parte ocidental da ilha à França, a qual foi chamada de Saint-Domingue, que se transformaria na colônia mais rica do mundo. Um terço das exportações da França provinha da ilha. Os produtos mais exportados eram o açúcar, o café, o tabaco, o algodão, o anil e o cacau. “*El cultivo más exigente era la caña de azúcar, el oro dulce de la colonia; cortar la caña, triturarla y reducirla a jarabe, no era labor de gente, sino de bestia, como sostenían los plantadores*”⁷ (ALLENDE, 2009, p. 16).

As descrições de Allende (2009) são confirmadas por Popkin (2012), ao dizer que em 1697, com o final da Guerra da Liga de Augsburg, a Espanha cedeu, oficialmente, um terço ocidental de *La española* ao rei francês, Luís XIV, e o restante da ilha se tornou a colônia espanhola de Santo Domingo. Os franceses chamaram a sua parte da ilha de Saint-Domingue. Com relação às descrições da produção agrícola da colônia francesa, o historiador dominicano Frank Moya Pons (1991) diz que, no final do século XVIII, Saint-Domingue era a colônia mais produtiva das Antilhas e que sua base econômica era o açúcar, embora, também produzisse café, algodão e anil. “[...] *A lo largo del siglo XVIII, los plantadores franceses lograron superar la*

producción total de todas las colonias británicas de las Antillas [...] pudieron competir con los ingleses en el mercado europeo del azúcar”⁸ (PONS, 1991, p. 124). Popkin (2007) corrobora as informações do historiador dominicano, ao descrever que, antes do conflito haitiano, Saint-Domingue era a mais valiosa entre todas as colônias europeias de seu tempo. Ela produzia metade do suprimento de açúcar do mundo devido às suas férteis planícies. Nas últimas décadas do século XVIII, a economia da ilha obteve grande crescimento e o seu rápido desenvolvimento fez com que a colônia se tornasse o maior mercado de escravos das Américas. Até o momento da revolução haitiana, por ano, cerca de trinta mil africanos eram importados para a colônia francesa.

É possível perceber esse rápido crescimento econômico ao observar os índices demográficos de Saint-Domingue no decorrer dos anos, os quais são descritos por Popkin (2012): em 1687, havia apenas 4.411 brancos e 3.358 escravos negros em Saint-Domingue; em 1715, eram 6.668 brancos e 35.451 escravos; e em 1730, a população escrava tinha aumentado para 79.545. Quarenta anos mais tarde, em 1779, havia 32.650 brancos e 249.098 escravos, um número que quase dobraria até o final da década de 1780.

Embora a população negra fosse maioria na ilha de Saint-Domingue, a sociedade era altamente estratificada, com estrutura econômica, política e social definida pela cor da pele de seus habitantes. Descrições historiográficas revelam quatro divisões sociais estabelecidas na antiga colônia francesa: os *grands blancs*, os *petits blancs*, os *affranchis* e os escravos.

Os *grands blancs*, conforme Popkin (2012), eram homens brancos e grandes proprietários de terra na colônia, provenientes da França ou herdeiros de franceses. Esses grandes fazendeiros, geralmente produtores de cana-de-açúcar, usufruíam poder econômico, político e social na ilha. Segundo o autor, “[...] *the most successful grands blancs achieved fortunes that few Frenchmen at home could dream of*” (POPKIN, 2012, p. 20) e construíam grandes casas em suas plantações e as decoravam com caras mobílias, trazidas da Europa.

Os *petits blancs* eram homens brancos e livres, mas sem capital; exerciam, geralmente, profissões como a de artesãos, de marinheiros, de militares de baixo escalão, de pequenos comerciantes e outras profissões pouco valorizadas. Conforme a versão ficcional, “*provenían de los cuatro puntos cardinales y no había manera de averiguar su pureza de sangre o su pasado*”¹⁰ (ALLENDE, 2009, p. 19). Geggus (2014) faz as mesmas descrições sobre os brancos pobres e, ainda, acrescenta que os *petits blancs* eram um grupo amorfo e, comparados aos *grands blancs*, eram vistos e tratados de uma forma bem distinta. Popkin (2012) menciona que a única diferença entre os *petits blancs* e os negros livres era a cor da pele.

No romance de Allende (2009), os *affranchis*, em sua grande maioria, eram mulatos e alguns negros libertos, que recebiam diversas classificações, conforme a cor da pele; não tinham poderes políticos, mas muitos possuíam propriedades, dinheiro e escravos; alguns ainda eram graduados na França. Também com relação aos *affranchis*, a escritora acrescenta, em seu romance, que entre os “[...] *mulatos libres o affranchis existían más de sesenta clasificaciones según el porcentaje de sangre blanca, que determinaba su nivel social*”¹¹ (ALLENDE, 2009, p. 19). Os *affranchis* não tinham poder político, mas tinham muito dinheiro; por isso, eram odiados pelos *petits blancs*. De acordo com os registros históricos, além da ascensão econômica, o número de *affranchis* na ilha aumentou: “[...] *Durante la década de 1780 la población de color se había más que doblado; alcanzó la cifra de 28.000 individuos* [...]”¹² (PONS, 1991, p. 125).

Os negros escravos estavam na base social da colônia e a eles não era concedido nenhum direito político, nenhuma propriedade ou dinheiro, e sequer a própria liberdade. Eram vistos como objetos, considerados como uma raça inferior aos demais homens, e recebiam tratamento similar aos animais destinados ao trabalho. Allende (2009), em seu romance, mostra que os escravos não significavam nada, nem no índice populacional, nem na consciência dos colonos. É possível observar, também, o intenso racismo que permeava a ilha em diversos relatos descritos por Popkin (2012), em especial um fato ocorrido em 1790, quando Chevalier de Beauvois, um membro da sociedade de Le Cap, importante cidade de Saint-Domingue, publicou um panfleto com a seguinte afirmação: “[...] *'nature has created several species of men, as she has created several species of animals'* [...]”¹³ (POPKIN, 2012, p. 32). Beauvois declarou, ainda, considerar os negros um pouco melhores do que macacos e afirmou a impossibilidade de eles serem parte de uma sociedade civilizada. Em relação às pessoas de raça mista, os *affranchis*, Beauvois disse que deveriam ser mantidas em uma posição subordinada, forçadas a trabalhar para o benefício dos brancos e proibidas de possuir terra ou ter brancos trabalhando para elas.

A compreensão de como se dava a divisão por raças na sociedade da época e dos objetivos políticos de cada grupo é, segundo Geggus (2002), fundamental para a análise do conflito haitiano.

A ilha de Saint-Domingue era uma colônia próspera, e os *grands blancs* usufruíam poder e fortuna; todavia, dependiam da França para a aquisição e a distribuição de seus produtos no mercado europeu e, posteriormente, norte-americano. Essa dependência e a subserviência da colônia em relação à metrópole levaram a um ambiente de insatisfação entre os grandes agricultores. Em Paris, “[...] *varios de los*

*plantadores descontentos se organizaron en el famoso club Massiac, que conspiró para obtener cierto grado de autonomía política para Saint-Domingue y la liberalización de su comercio*¹⁴ (PONS, 1991, p. 125). Dubois (2004) também cita o clube Massiac, local onde os *grands blancs* e os grandes comerciantes envolvidos com negócios em Saint-Domingue reuniam-se para discutir política e comércio.

Em *La isla bajo el mar* (2009), há várias passagens sobre as regras e o controle econômico da metrópole impostos à colônia francesa, como é possível observar no trecho a seguir, no qual o antagonista da narrativa, Toulouse Valmorain, realiza outra de suas breves viagens a Cuba: “[...] *donde tenía negocios que no le convenía divulgar. Como todos los colonos de Saint-Domingue, debía comerciar sólo con Francia, pero existían mil maneras ingeniosas de burlar la ley y él conocía varias*”¹⁵ (ALLENDE, 2009, p. 37). Valmorain não é uma personagem histórica, mas sim ficcional; porém, essa personagem pode ser vista como síntese dos sujeitos históricos que representa. O breve relato romanesco citado demonstra como os colonos de Saint-Domingue faziam para ludibriar as leis e as taxas impostas pela França.

Allende (2009), em sua releitura da história, descreve que os *affranchis* – movidos pela Revolução Francesa e por sua ideologia de liberdade, igualdade e fraternidade – enviaram representantes a Paris para reclamarem seus direitos: “[...] *los affranchis habían enviado delegaciones a París a reclamar sus derechos ciudadanos ante la Asamblea Nacional, porque en Saint-Domingue ningún blanco, ni rico ni pobre, estaba dispuesto a dárselos*”¹⁶ (ALLENDE, 2009, p. 134-135). Relatos históricos demonstram que a insatisfação em relação à França não estava condicionada somente aos *grands blancs*, mas diziam respeito, também, aos *affranchis*, os quais igualmente almejavam uma maior autonomia política na colônia, pois os “[...] *affranchis, o gente de color libre (en su mayoría mulatos, si bien también había algún negro) – aún era más desafecto al sistema colonial francés*”¹⁷ (PONS, 1991, p. 125).

Para o historiador Pons (1991), do mesmo modo que os *grands blancs* organizaram o famoso *Club Massiac em Paris* – para se fortalecerem contra a metrópole francesa e obterem algum grau de autonomia política em Saint-Domingue e a liberação de seu comércio –, os *affranchis*, que viviam na cidade, também organizaram a *Société de Amis des Noirs*, sociedade representativa que alcançou grande prestígio entre os grupos burgueses e liberais da França.

A conjuntura social e econômica de Saint-Domingue, no período que antecede a revolução escravocrata, pode, então, ser assim resumida: os *grands blancs*, que buscavam sua autonomia; os *affranchis*, que lutavam pela sua igualdade com os brancos; os *petits blancs*, que ambicionavam a fortuna e a condição social dos *grands blancs* e odiavam os *affranchis*, por estes serem de origem escrava e, ainda assim,

terem dinheiro; e o grupo mais numeroso da ilha, os escravos, excluídos pelas demais classes, que almejava a liberdade. Por fim, para complementar esse emaranhamento de conflitos e de estratificações sociais, tem-se a soberania da metrópole, a França, que não considerava a possibilidade de abandonar sua colônia mais produtiva. Entre as colônias europeias, Saint-Domingue “[...] *era la que tenía los problemas económicos y sociales más complejos*”¹⁸ (PONS, 1991, p. 124).

Além do conflito de interesses comerciais entre os ricos da colônia – *grands blancs* e *affranchis* – e a metrópole francesa, também foram as profundas divisões raciais presentes na ilha de Saint-Domingue que deram origem à revolução dos escravos, como é gradualmente relatada por Pons (1991) em *La independencia de Haití y Santo Domingo*. Para o pesquisador, nos relatos históricos que antecedem à rebelião dos escravos, observa-se uma rede de conflitos, cada vez mais intensa, entre a colônia e a metrópole e entre os próprios moradores da ilha.

Esse conflito de interesses entre os habitantes da ilha é observado no movimento armado organizado pelos mulatos Vincent Ogé e seu irmão, Jean-Baptiste Chavannes, contra a França. Allende (2009), no romance *La isla bajo el mar*, descreve que a Assembleia Nacional na França havia tirado de Saint-Domingue o pouco poder autônomo que gozava; além disso, nenhum *grand blanc* estava disposto a aceitar os decretos absurdos, impostos pela metrópole. “*El resultado era estropicio y caos, como lo que pasó con un tal Vincent Ogé, un mulato rico que fue a París a exigir igualdad de derechos para los affranchis y volvió con el rabo entre las piernas [...]*”¹⁹ (ALLENDE, 2009, 159-160). Ogé e seu irmão, com a ajuda de outros mulatos, organizaram uma rebelião na parte norte da colônia, muito próxima de Saint-Lazare, fato também incorporado na ficção: “*¡Trescientos mulatos bien armados! Se requirió todo el peso del regimiento de Le Cap para derrotarlos [...]*”²⁰ (ALLENDE, 2009, p. 160). Todavia, esse contingente foi derrotado pelos militares franceses da ilha. As descrições anteriormente citadas, exceto a personagem fictícia Étienne Relais e a plantação de Valmorain, Saint-Lazare, são históricas e amplamente descritas pelos historiadores Dubois (2004), Garrigus (2006) e Popkin (2007; 2012), constituindo substrato à ficção de Allende.

A história demonstra uma total insatisfação dos homens brancos da ilha com relação ao controle econômico estabelecido por sua metrópole francesa. Os mulatos Vincent Ogé e Jean-Baptiste Chavannes – personagens da narrativa ficcional de Allende – existiram e realmente organizaram um movimento armado contra a França, o qual fracassou, e pagaram com as suas próprias vidas o desejo latente de transformarem Saint-Domingue em um território autônomo e terem os mesmos direitos civis dos homens brancos da ilha.

O historiador Popkin (2012) expõe que, em outubro de 1790, Vincent Ogé, um homem de cor livre que estivera em Paris em 1789, voltou secretamente para Saint-Domingue e organizou uma revolta armada junto aos membros de seu grupo. O movimento teve início nas montanhas, ao norte da ilha, a área de produção de açúcar mais rica da província do norte. Antes da revolução, Ogé tinha sido um dos homens de cor livre mais prósperos de Le Cap; possuía propriedades e estava acostumado a lidar com os brancos no mesmo nível de igualdade. Ogé estava convencido de que os decretos da Assembleia Nacional, de março de 1790, tinham a intenção de conceder direitos ao seu grupo. Ao perceber que os brancos da colônia continuavam a excluí-lo e a seus pares, decidiu agir. Seu chamado para a insurreição atraiu apenas algumas centenas de seguidores.

Conforme o historiador, Vincent Ogé deixou claro que não estava pedindo a abolição da escravidão, mas advertiu alguns brancos sobre a possibilidade de fazê-lo caso suas exigências não fossem atendidas. Entretanto, as forças brancas logo dispersaram o movimento. Ogé e alguns aliados fugiram pela fronteira para a colônia espanhola de Santo Domingo, e as autoridades espanholas os entregaram aos franceses. Depois de um rápido julgamento em Cap Français, em fevereiro de 1791, Vincent Ogé foi torturado até a morte em Le Cap, e mais de vinte de seus partidários foram executados.

Há a inserção fictícia do tenente coronel Étienne Relais, personagem que aparece em toda a narrativa como um militar severo e, ao mesmo tempo, justo aos seus princípios, demonstrou resistência à guerra e, até o momento de sua morte, devido às feridas obtidas em uma batalha contra os escravos rebeldes, permaneceu forte e destemido. Em diversos momentos, Relais aparece envolvido com as personagens históricas, como é o caso do encontro com o comandante militar francês Philibert-Francois Rouxel de Blanchelande, o qual realizou os primeiros confrontos contra a insurreição dos escravos: “– *Se estará preguntando para qué lo he citado, teniente coronel Relais - dijo Blanchelande revolviendo el azúcar del café –. ¿Qué piensa de la situación en Saint-Domingue?*”²¹ (ALLENDE, 2009, p. 175). Esse é um exemplo das diversas inserções de personagens e enredos fictícios que a autora utiliza junto à narrativa: uma confluência entre a ficção e a história que possibilita releituras críticas do passado.

Além dos conflitos entre os brancos e mulatos, e entre a colônia e a metrópole, há outros fatores importantes que contribuíram com a história do conflito, como é o caso do lendário Françoise Macandal²².

Em *La isla bajo el mar* (2009), o ex-escravo Macandal é descrito como um bruxo que sabia sobre o poder das plantas e das raízes da ilha e que após a sua fuga

aos quilombos – localizados nas montanhas de Saint-Domingue, regiões de difícil acesso – iniciou a sublevação de escravos que “[...] *habría de sacudir la isla como un terrible ventarrón*”²³ (ALLENDE, 2009, p. 65). Mancadal era um boçal trazido da África, muçulmano, culto, lia e escrevia em árabe, tinha conhecimentos de medicina e plantas: “*Perdió el brazo derecho en un horrendo accidente, y como quedó inutilizado para los cañaverales, su amo lo mandó a cuidar ganado*”²⁴ (ALLENDE, 2009, p. 64). Uniu-se aos quilombolas das montanhas e começaram a atacar, de surpresa, as plantações. Além disso, com o tempo, gado, cavalos, cachorros e diversas famílias brancas começaram a morrer envenenados. Seu nome era repetido em todos os lados da ilha, como uma oração de alento e de esperança aos negros. Desconfiados, os militares começaram a torturar vários escravos até obterem as informações que os levariam até Macandal. Na narrativa, ainda há a descrição da morte de seis mil pessoas envenenadas pela mandinga.

Os brancos diziam que era o fim de Macandal, mas os negros duvidavam porque ele tinha se tornado uma lenda entre os escravos; todos na ilha contavam suas histórias e acreditavam que ele possuía poderes sobrenaturais. No dia de sua execução, na praça de Le Cap, toda a sociedade estava presente, inclusive os senhores brancos levaram seus escravos para mostrar que Macandal era um simples mortal e que iria queimar como qualquer outro negro rebelde. Quando os soldados acenderam a fogueira e o seu corpo começou a queimar, ele gritou: “*¡Volveré! ¡Volveré!*”²⁵ (ALLENDE, 2009, p. 68).

Na narrativa, há duas versões para a morte de Macandal: a primeira é sob a ótica dos brancos e a segunda é a partir da percepção dos escravos. Para os brancos, no momento em que as chamas atingiram o corpo do mandinga, ele conseguiu se soltar e pular os troncos em brasa; porém, os soldados, a golpes, o jogaram novamente nas chamas, sendo tragado pela lavareda. Para os negros, o mesmo momento é visto sob outra perspectiva, envolta em suas crenças espirituais e transformações metamórficas: quando Macandal é devolvido às chamas, transforma-se num mosquito, sai voando em meio ao fogo, dá uma volta completa na praça para que todos se despeçam e se perde no céu.

Para Geggus (2014), François Macandal era um feiticeiro que vendeu encantos mágicos e venenos nas províncias do norte da ilha e permaneceu fugitivo por muitos anos; após a sua morte, em 1758, tornou-se lendário. Mas, ao relatar sobre os possíveis envenenamentos cometidos por Mancadal, o historiador norte-americano diz que tais descrições não são claras, já que os colonos confundiam doenças epidêmicas com veneno, e veneno com feitiçaria. Além disso, os soldados locais usavam a tortura para obter evidências. Em acréscimo, Popkin (2012) argumenta

que os proprietários das plantações culpavam qualquer doença ou morte inexplicada entre seus escravos ou de seu gado ao envenenamento; para eles, era a principal arma dos negros.

Em *La isla bajo el mar* (2009), François Macandal continua existindo no imaginário dos escravos, mesmo após trinta anos de sua morte, como símbolo de insurreição, resistência à escravidão e incitação à revolução; ora, seu espírito viajava como o vento de um extremo a outro da ilha para persuadir os escravos a buscarem sua liberdade; ora, aparecia como serpente, besouro, macaco ou arara, incitando à revolução com um vozeirão de tempestade ou consolando com o sussurro da chuva. Considera-se que tais descrições são tanto narrativas ficcionais quanto históricas. Sabe-se que Macandal realmente existiu e se tornou símbolo da revolução haitiana; porém, a manifestação de seu espírito, as metamorfoses zoomórficas e suas projeções por meio das ações naturais, como chuva e tempestade, são criações literárias de Allende (2009), ancoradas nas manifestações do mito, da lenda e da oralidade.

A historiografia também descreve outro fator que contribuiu de forma expressiva para a insurreição dos escravos de Saint-Domingue: os quilombos localizados nas montanhas da ilha. Por diversas vezes, Allende (2009) relata que todos os escravos fugitivos almejavam chegar a esse local de difícil acesso aos negros e, muito mais, aos brancos. Nem a vigilância nem a repreensão mais brutal impediram que muitos escapassem. Diversos escravos fugitivos eram recuperados antes de chegarem às montanhas ou morriam em seu caminho; mesmo assim, com o decorrer dos anos, esses quilombos aumentaram em número de habitantes e foram os quilombolas que iniciaram a revolução que mudaria para sempre a história da colônia francesa. *“Los esclavos sabíamos que los cimarrones estaban en las montañas, pero no sabíamos que detrás de las primeras cumbres había muchas más, tantas que no se podían contar”*²⁶ (ALLENDE, 2009, p. 54-55). Em um dos capítulos escritos em primeira pessoa, denominados “Zarité”, há descrições sobre diversos rebeldes que desceram dos quilombos, chamando os escravos por meio do som dos tambores; todos conheciam sua linguagem. *“Dicen que el mensaje lo llevaron los tambores de calenda en calenda, de hounfort en hounfort, de ajoupa en ajoupa [...]”*²⁷ (ALLENDE, 2009, p. 179).

Por meio de dois personagens fictícios, Teté e Gambo, Allende (2009) cria a representação dessas incessantes fugas aos quilombos, na busca de um local onde fosse possível viver em liberdade. Zarité, ainda menina, na tentativa de fugir de sua dona, tentou chegar às montanhas, mas não obteve sucesso devido às dificuldades do caminho. *“Me perdí en el barrio del puerto, pero las montañas se vislumbraban a lo lejos y todo era cuestión de caminar en esa dirección.”*²⁸ (ALLENDE, 2009, p. 54). Ao contrário de Tété, Gambo conseguiu chegar ao seu destino, às montanhas. Mais

tarde, o jovem negro voltou como um dos rebeldes insurgentes. Por meio do olhar de Gambo, Allende (2009) descreve a vida nos quilombos e o quanto era difícil o seu acesso: “*En los días, semanas y meses siguientes, Gambo iría descubriendo el mundo de los fugitivos, que existía en la misma isla y al mismo tiempo, pero en otra dimensión, un mundo como el de África [...]*”²⁹ (ALLENDE, 2009, p. 168). Também relata o número de homens e mulheres fugitivos nestes locais: “[...] *Los campamentos estaban salpicados en lo más impenetrable de las montañas, verdaderos villorrios, miles y miles de hombres y mujeres escapados de la esclavitud y sus hijos, nacidos libres*”³⁰ (ALLENDE, 2009, p. 168).

Como os escravos não conseguiam voltar à África, devido à distância e à impossibilidade de locomoção, o único local plausível para fugir da escravidão eram os quilombos. Popkin (2012) descreve que alguns grupos de negros escravos fugiram para as montanhas e tornaram-se independentes. Um grupo, em uma área remota, ao longo da fronteira com Santo Domingo, manteve-se por quase um século, embora seu número fosse relativamente pequeno. Os escravos fugitivos também poderiam se esconder nas cidades das colônias, onde poderiam se passar por libertos e ganhar a vida como jornalheiros.

No decorrer dos anos, o número de escravos fugitivos aumentou nesses refúgios, e foi nas montanhas que se iniciou o levante escravocrata de Saint-Domingue. Em um dos relatos historiográficos de Dubois (2004) sobre os escravos refugiados nas montanhas, há a descrição de que o governador/comandante francês de Saint-Domingue, Philibert-François Rouxel de Blanchelande, decretou anistia aos negros rebeldes dos quilombos que voltassem ao trabalho nas plantações; porém, essa medida não os impressionou, e os insurgentes continuaram com os ataques às plantações. Conforme o historiador, o comandante enviou tropas brancas e um regimento de mulatos para enfrentar os rebeldes. À medida que as colunas militares subiam as montanhas, local dos quilombos, os soldados eram atacados pelos negros rebeldes, que, do alto, atiravam e derrubaram pedras em direção às tropas. Foram mortos duzentos soldados brancos, e outros foram capturados.

A expedição foi um fracasso embaraçoso e caro para os franceses; diante disso, os negros se tornaram mais fortes, permanecendo os mestres absolutos do conflito. Para descrever a revolta desses negros, Dubois (2004) cita um evento violento ocorrido após a derrota dos soldados franceses: “*Blanchelande watched in horror as the head of one of his officers – recognizable from a distance because of his white hair – was lifted on a pike above the insurgent camp*”³¹ (DUBOIS, 2004, p. 139). Os rebeldes, vitoriosos, gritaram no alto da montanha: “Viva o rei!” e “Viva Blanchelande!”; ainda gritavam que havia traidores entre os soldados da colônia francesa. Na sequência,

conforme os historiadores Popkin (2007) e Pons (1991), Blanchelande foi levado à França e, posteriormente, executado.

INSURREIÇÃO DOS ESCRAVOS

Após as mortes de Vincent Ogé e Jean-Baptiste Chavannes, Saint-Domingue, segundo Pons (1991), encontrava-se em um clima de grande efervescência política e racial. Os mulatos “[...] *buscaban la igualdad con los blancos, y eventualmente su independencia. Lo que ninguno pensaba o decía era que los esclavos negros tenían derechos o los merecían*”³² (PONS, 1991, p. 126). Naquele momento, todos, na ilha, falavam sobre a ideologia de libertação, implantada pela revolução francesa, e nas grandes casas, nas plantações, nos povoados, nos mercados, “[...] *los esclavos tomaban consciencia de su condición y de las posibilidades que se les abrían de escapar de ella, tal como lo había preconizado el legendario rebelde François Macandal en 1758*”³³ (PONS, 1991, p. 126); em pouco tempo, os escravos se organizaram.

Zarité, protagonista puramente ficcional de *La isla bajo el mar* (2009), por meio das inserções narrativas em primeira pessoa, descreve, baseada nas informações de outros escravos, a cerimônia 'Bois Caïman'³⁴, que deu origem ao levante escravo. 'Bois Caïman' é um local sagrado para os negros e fica no norte da ilha, a caminho da cidade de *Le Cap*, várias horas de distância de Saint-Lazaré, fazenda de Valmorain. “*Es un bosque inmenso, un lugar de encrucijadas y árboles sagrados, donde se aloja Dambala en su forma de serpiente, loa de las fuentes y los ríos, guardián del bosque*”³⁵ (ALLENDE, 2009, p. 178). Nesse local, os negros realizavam seus encontros religiosos, evocavam os espíritos da natureza e dos escravos mortos. Na noite em que realizaram a cerimônia que originaria a revolução, foram invocados milhares de espíritos que lutariam junto aos negros contra os brancos. A mensagem do encontro foi levada pelos tambores e todas as pessoas conheciam a sua linguagem. Os escravos acudiram das plantações do norte, e diversos rebeldes desceram das montanhas. No romance, lemos que “[...] *Gambo llegó con el grupo de Zamba Boukman, un gigante que inspiraba doble respeto por ser jefe de guerra y hungan [...]*”³⁶ (ALLENDE, 2009, p. 178-179).

Gambo é uma personagem fictícia, um ex-escravo da plantação de Valmorain, que fugiu aos quilombos de Saint-Domingue. Torna-se um dos rebeldes da insurreição e é o primeiro amor da outra personagem fictícia, a protagonista Zarité. Percebe-se, na descrição acima, que a personagem se inter-relaciona com a personagem histórica Zamba Boukman e com os relatos historiográficos da cerimônia 'Bois Caïman'. Com exceção de Gambo, Zamba Boukman e a cerimônia são

corroborados pelo historiador Popkin (2012) ao mencionar que, em agosto de 1791, os negros reuniram-se ao redor de uma árvore considerada sagrada e realizaram a lendária cerimônia 'Bois Caïman', na qual o líder religioso Boukman Dutty incitou os escravos a se rebelarem contra a escravidão do homem branco. Os escravos ali presentes fizeram um juramento de que lutariam até a morte pela liberdade. Assim, iniciou-se o levante escravocrata que iria mudar a história de Saint-Domingue. Em pouco tempo, a insurreição dominou a parte norte da ilha.

A história relata que, para resistirem ao confronto, os rebeldes solicitaram ajuda às autoridades de Santo Domingo, o lado espanhol da ilha, que viram o conflito como uma oportunidade para recuperar os territórios perdidos há mais de um século. Pons (1991) descreve que, em contrapartida à associação estabelecida entre rebeldes e espanhóis, os *grands blancs* e os *affranchis*, com o apoio das tropas francesas, uniram-se para enfrentar um inimigo comum: os negros rebeldes. Para os ricos e proprietários de terra, a desconstrução da estrutura escravocrata que permaneceu durante anos na ilha comprometeria todo o alicerce social e econômico de Saint-Domingue.

Allende (2009) narra que, no final de setembro de 1791, a rebelião havia dominado a parte norte de Saint-Domingue, os escravos fugiam em massa, uniam-se aos rebeldes e as plantações, uma após a outra, eram incendiadas pelos insurgentes. A data de início da revolução descrita na narrativa é um pouco divergente da data citada por Popkin (2007); contudo, o historiador corrobora com a escritora no que se refere à região e ao ano: "[...] *the great slave insurrection in the North Province that began on 22 August 1791 had plunged the colony into a crisis [...]*"³⁷ (POPKIN, 2007, p. 45).

Nas plantações se vivia em estado de alerta. Ao invadirem as propriedades, os rebeldes libertavam seus escravos, matavam os brancos, homens, mulheres e crianças e queimavam as plantações. Esse teria sido o destino dos personagens Valmorain e Maurice se não fosse a ajuda de Zarité. Ao obter a informação de que os negros rebeldes iriam atacar Saint-Lazare na manhã seguinte, Tété, seu amante Gambo, seu amo Valmorain, o menino Maurice e sua filha Rosette fogem para a floresta. Ficaram alguns dias caminhando na densa mata rumo a *Le Cap*, cidade ainda protegida pelos franceses. Durante a viagem, com a recusa de Tété de abandonar Maurice e Valmorain no meio do caminho, Gambo, furioso, separa-se do grupo. Ao chegarem próximos ao destino, os fugitivos quase morrem de sede, mas são encontrados ao acaso por Étienne Relais e seu pelotão.

Popkin (2007) diz que, após a insurreição dos escravos, os porta-vozes brancos e os seus partidários franceses iniciaram diversas propagandas públicas

exacerbando a violência dos rebeldes – mostrados inimigos bárbaros, sanguinários – contra os brancos civilizados. Anunciavam um colapso completo nos locais em que as plantações eram incendiadas. Os brancos eram abatidos sob as lâminas dos assassinos e tinham que fugir para as cidades, abandonando suas plantações. Para o historiador, esses relatos propagandísticos dos acontecimentos em Saint-Domingue têm grande importância histórica porque, ao chegarem à França, do século XIX, e ao mundo ocidental, intensificaram o racismo contra o negro. Comenta, ainda, que a metrópole e o ocidente não conseguiam compreender que os problemas raciais da ilha eram muito mais complexos do que os propagandistas políticos pudessem admitir.

Foi devido à rebelião e à proteção de Gambo que Zarité conseguiu dar seu primeiro passo em busca da tão sonhada liberdade. Antes da partida da plantação, Tété se propôs a ajudar Valmorain, mediante a assinatura de sua carta de alforria, a qual também beneficiaria sua filha Rosette. Isso posto, em um momento de desespero, com a certeza da morte, Valmorain escreveu e assinou os documentos de libertação.

Embora as relações entre homens brancos e mulheres de ascendência africana fossem profundamente desiguais, segundo Popkin (2012), os homens brancos muitas vezes concediam liberdade às suas concubinas e aos seus filhos; porém, as cartas de alforria cedidas a Tété e a Rosette não foram consensuais, mas, sim, impostas pela cruel realidade do conflito. Mesmo com as cartas assinadas, a protagonista levou sete anos para se libertar de seu opressor, o que conseguiu com a ajuda do padre Antoine, que enfrentou Valmorain ao questioná-lo: “[...] – *Esta buena mujer, Tété, debió haber sido emancipada hace siete años, según este documento. ¿No es así, monsieur Valmorain?*”³⁸ (ALLENDE, 2009, p. 368). No dia 20 de novembro de 1800, o juiz de Nova Orleans assinou a liberdade de Tété e Rosette. O historiador norte-americano ainda comenta que também era possível para alguns escravos ganhar sua liberdade. Os brancos encorajavam seus escravos pessoais ao dizerem que o trabalho árduo e suas devoções trariam como recompensa a possibilidade de emancipação; porém, para muitos escravos, foram falsas promessas.

Allende (2009) descreve que os comissionados franceses estavam impotentes frente à anarquia instalada em Saint-Domingue. Devido a esse fato, abandonaram a ilha. Pouco tempo depois, outros três delegados, liderados por Leger-Félicité Sonthonax, chegaram a Saint-Domingue com um reforço de seis mil soldados franceses e com novas instruções da metrópole, as quais concederam os mesmos direitos – de qualquer francês – aos mulatos livres da ilha. Vários *affranchis* foram nomeados oficiais do exército e muitos militares brancos se recusaram a servir sob suas ordens e desertaram. Em meio à crescente violência instalada em Saint-Domingue, a qual ninguém poderia controlar, Blanchelande foi acusado de não obedecer às ordens do

governo republicano e favorecer os monarcas; conseqüentemente, foi deportado para a França com ferros nos pés e pouco tempo depois perdeu a cabeça na guilhotina.

Segundo Pons (1991), devido às incessantes crises de Saint-Domingue, os *grands blancs* e os *affranchis*, com o apoio das baionetas francesas, formaram uma frente comum para se protegerem dos negros rebeldes; porém, essa aliança “conveniente” entre brancos e mulatos foi abalada quando chegou à ilha uma comissão francesa, conduzida por Léger-Félicité Sonthonax, com um reforço de seis mil soldados e com um decreto assinado por Louis XVI, concedendo aos mulatos livres da ilha os mesmos direitos de qualquer francês.

A iniciativa francesa não agradou aos brancos, e a intolerância entre os *grand blancs* e *affranchis* ganhou maiores proporções, levando os *grands blancs* a pedir apoio às tropas inglesas. Para os ingleses, a colônia francesa era muito importante porque, ao tê-la incorporada à metrópole, junto às suas demais colônias, os ingleses iriam dominar o mercado açucareiro internacional. Allende (2009) descreve a indignação dos *grands blancs* com relação ao decreto francês e mostra que solicitaram apoio dos ingleses para reestabelecer a ordem da colônia: “*Los ingleses habían desembarcado en el sur y sería cuestión de días antes de que Saint-Domingue se declarara independiente y se acogiera bajo la bandera británica*”³⁹ (ALLENDE, 2009, p. 234).

Conforme o historiador Pons (1991), em pouco tempo, as tropas inglesas, vindas da Jamaica, chegaram ao sul da ilha para somar forças com os brancos contra os rebeldes e para reforçar sua posição frente aos mulatos. Foi devido a essa desordem, agitada por questões raciais e por interesses econômicos, que se instalou a guerra civil na ilha de Saint-Domingue. O historiador ainda acrescenta que, não bastando a efervescência da guerra civil, o conflito, que começou com uma revolta de escravos, avultou-se, transformando-se em uma guerra internacional entre Espanha, Inglaterra e França.

Em *La isla bajo el mar* (2009) há relatos sobre o líder negro rebelde, Toussaint Louverture, o qual, antes do conflito, era um homem livre e um cocheiro na plantação de Bréda. O ex-escravo levou várias semanas para se reunir à revolta dos escravos porque, primeiramente, ajudou a salvar toda a família de seu antigo dono, o qual havia ganhado a sua estima. Sabia ler e escrever; assim, conseguia se informar sobre o que estava acontecendo na ilha de Saint-Domingue e na França. Antes de se tornar um grande líder da revolução dos escravos, cumpriu a função de conselheiro de guerra e doutor porque sabia de plantas curativas e exercia notável influência sobre os chefes. Ninguém conhecia melhor a mentalidade dos brancos.

Popkin (2012) diz que, antes da revolução, Toussaint Louverture realmente

era um homem livre; trabalhava como cocheiro para seu antigo dono, Bayon de Libertat. Foi libertado por Libertat quando tinha seus trinta anos. Depois de uma breve e aparentemente infrutífera tentativa de estabelecer a pequena e própria plantação, voltou a trabalhar para seu antigo dono, provavelmente porque queria estar perto de sua esposa e dos filhos, que ainda eram escravos. “*In contrast to the other leaders of the movement, Toussaint was no longer a slave in 1791; he had gained his own freedom many years earlier*”⁴⁰ (POPKIN, 2012, p. 43). Sabe-se também que Toussaint sabia ler porque o historiador descreve que o ex-escravo leu o livro do abade Raynal, *Philosophical History of the Two Indies*, o qual circulava livremente em Saint-Domingue. Essa obra faz uma denúncia cínica dos efeitos da colonização europeia, e as edições subsequentes adicionaram denúncias veementes da escravidão. Com relação à ajuda de Toussaint à família de Bayon de Libertat, não foram encontrados relatos historiográficos nos livros citados neste trabalho.

Allende (2009) também narra quais eram os motivos que levaram o governo francês a se unir a Toussaint e aos escravos rebeldes: “[...] *el comisionado Sonthonax y el gobernador tendrían que llegar a un acuerdo con él, porque mandaba un ejército muy organizado y contaba con el apoyo de los españoles del otro lado de la isla*”⁴¹ (ALLENDE, 2009, p. 225). Além disso, o exército francês estava enfraquecido e corria o risco de perder a batalha. Desse modo, Sonthonax utilizou de seu poder e proclamou a emancipação dos escravos em Saint-Domingue para que eles se juntassem ao governo francês e lutassem contra os inimigos internos e contra os ingleses.

Pons (1991) e Popkin (2012) descrevem que o exército espanhol de Santo Domingo avançou sobre a fronteira, enquanto as tropas inglesas chegaram ao sul de Saint-Domingue. Os franceses teriam sido derrotados se não fosse a decisão de Sonthonax de decretar a abolição da escravidão na colônia, no dia 29 de abril de 1793. Com esse ato, Sonthonax chamou os escravos rebeldes, então livres, para compor seu exército e lutar contra os ingleses, os quais eram apoiados pelos *grand blancs*. “*Toussaint Louverture, un antiguo créole esclavo doméstico, aceptó la proclama y se pasó al lado francés con unos 4.000 hombres*”⁴² (PONS, 1991, p. 127). Os negros que não aceitaram o decreto de Sonthonax permaneceram no serviço militar dos espanhóis. Os mulatos também se dividiram, “*Algunos apoyaron al gobierno francés, aunque estuvieron desconformes con la abolición de la esclavitud. Otros apoyaron a los grands blancs aliados de los ingleses*”⁴³ (PONS, 1991, p. 127). Devido à união com os franceses, Toussaint tornou-se um dos dirigentes das forças republicanas em Saint-Domingue; em 1796, tornou-se general; e, em 1797, general de divisão.

Com o apoio dos negros e dos mulatos revolucionários, o exército francês

fortaleceu-se contra os inimigos. Os adversários de outrora uniram forças para enfrentar os ingleses que estavam sendo apoiados pelos *grands blancs* e os espanhóis que apoiavam anteriormente os negros. Desse modo, conforme Pons (1991), os espanhóis foram obrigados a retroceder em seu próprio território e perderam parte dele. Além disso, os ingleses deixaram a ilha em 1798, após perderem 25 mil vidas em cinco anos de guerra; contudo, o recuo foi motivado por um contrato secreto firmado entre o general britânico, Maitland, e Toussaint, por meio do qual se negociou a retirada das tropas inglesas em troca de concessões comerciais. Como resultado, o governo francês aceitou a autoridade de Toussaint, mas os mulatos não aceitavam serem governados por um ex-escravo. Em 1799, os mulatos rebelaram-se, e, novamente, instalou-se a guerra civil em Saint-Domingue; não obstante, no mês de agosto do ano seguinte, os mulatos foram derrotados.

Toussaint Louverture e seus rebeldes, com o apoio dos franceses, conquistaram o poder na ilha após sete anos de violência, e o líder escravo tornou-se governador vitalício. O antigo líder negro rebelde reorganizou a colônia e implementou ações para retomar sua prosperidade: manteve o sistema de plantação e devolveu as propriedades a seus legítimos donos; os ex-escravos voltaram aos seus trabalhos, mas agora na condição de assalariados: “*Una cuarta parte de la producción iría a parar a manos de los trabajadores, la mitad debía ser entregada al Tesoro Público, mientras que el cuarto restante quedaría en manos del propietario*”⁴⁴ (PONS, 1991, p. 128).

Os proprietários não gostaram da ideia de dividir seus lucros com seus antigos escravos e lançaram uma campanha difamatória contra Toussaint nos Estados Unidos, na Europa, em Cuba e na França. Restabeleceu-se, com isso, o ambiente conflituoso entre as classes sociais e raciais em Saint-Domingue. Ao perceber que Napoleão Bonaparte cedia aos interesses burgueses, tanto da metrópole quanto dos antigos proprietários de terras, e planejava enviar tropas francesas para despossuir o general negro do poder, Toussaint invadiu a parte oriental de Saint-Domingue com o objetivo de unificar as duas partes da ilha. A seguir, vejamos como se dá o seguimento das turbulências na ilha até sua nova condição.

O EXÉRCITO DE NAPOLEÃO: OFENSIVA E DERROCADA

No capítulo *La política del día*, Allende (2009) descreve o ambiente político da ilha após a vitória de Toussaint e de seus rebeldes, com o apoio dos franceses. Os sete anos de violência haviam devastado a colônia e empobrecido a França. Napoleão não iria permitir que Toussaint, o qual havia se proclamado governador vitalício, dominasse a ilha de Saint-Domingue; por isso, pensava em afastá-lo, pôr os negros a

trabalhar nas plantações e recuperar o domínio branco da colônia. Dessa forma, Napoleão enviou uma numerosa expedição sob o comando do general Victor Emmanuel Leclerc, casado com a irmã de Napoleão, Pauline Bonaparte. No fim do ano de 1801 e no início de 1802, Le Cap foi tomada pelo exército de Napoleão. O general Toussaint caiu em uma emboscada feita pelos franceses e foi deportado à França com sua família. “*Napoleón había vencido al ‘general negro más grande de la historia’*”⁴⁵ (ALLENDE, 2009, p. 391).

Jackson e Bacon (2010) relatam que realmente Napoleão Bonaparte estava determinado a restaurar o domínio francês em Saint-Domingue e a restabelecer a escravidão. Os historiadores também citam o general Leclerc e sua esposa Pauline Bonaparte. Pons (1991) também descreve o envio do exército francês ao afirmar que, em 29 de janeiro de 1802, metade das tropas enviadas por Napoleão chegaram a Samaná, uma das baías da parte oriental da ilha e a outra metade chegou a Cap-Français, na parte ocidental, no dia 3 de fevereiro. Os soldados franceses, sob o comando de Leclerc, iniciaram as operações de invasão e de domínio da ilha caribenha. Depois de meses de luta, Toussaint e as forças francesas concordaram em um armistício, que os franceses quebraram, capturando Toussaint e aprisionando-o. Ele morreu na França no ano seguinte.

Ainda no capítulo *La política del día*, as personagens fictícias, Zarité e o doutor Parmentier, conversam sobre os acontecimentos da revolução haitiana na residência do médico, também refugiado em Nova Orleans. Em sua casa, após o jantar, Parmentier em conversa com Tété, diz que a revolução haitiana não terminou com a morte do grande líder negro, Toussaint, e que agora quem estava liderando os negros rebeldes era Jean-Jacques Dessalines. “– *Hace siete meses que murió Toussaint Louverture. Otro crimen de Napoleón. Lo mataron de hambre, frío y soledad en la prisión [...] – La muerte de Toussaint no significa el fin de la revolución. Ahora el general Dessalines está al mando*”⁴⁶ (ALLENDE, 2009, p. 394).

Devido à traição dos franceses e à prisão de Toussaint, a história novamente ratifica a narrativa de Allende (2009) ao descrever que, nesse momento, os mulatos resolveram unir-se aos negros, sob a liderança de Jean-Jacques Dessalines, ex-escravo e sucessor de Toussaint, e de Henri Christophe⁴⁷, homem livre antes da revolução; porém a escritora chilena não faz referência ao futuro monarca negro, Henri Christophe⁴⁸. Conforme o historiador Pons (1991), Dessalines e Christophe lideraram um exército de negros e de mulatos contra os franceses, que se renderam em 1803. Para Popkin (2012), esse período representou o mais violento da Revolução Haitiana. “*The armies on both sides massacred civilians, enemy prisoners, and those they regarded as potential traitors in their own ranks*”⁴⁹ (POPKIN, 2012, p. 115). A crueldade da

guerra atingiu, assim, toda a população haitiana da época.

Em *La isla bajo el mar* (2009), relata-se que, em abril de 1802, a febre amarela dizimou as tropas francesas, pouco acostumadas com o clima de Saint-Domingue e sem defesas contra a epidemia. “*De los diecisiete mil hombres que llevaba Leclerc al comenzar la expedición, le quedaron siete mil en lamentables condiciones; del resto había cinco mil agonizantes y otros cinco mil bajo tierra.*”⁵⁰ (ALLENDE, 2009, p. 391). Pons (1991) comenta que “[...] *los negros y mulatos de Saint-Domingue contaron con la ayuda de un poderoso aliado: la fiebre amarilla*”⁵¹ (PONS, 1991, p. 129), e dos 58.000 soldados franceses enviados à ilha, entre 1802 e 1803, 50.250 perderam suas vidas. Foi devido às inúmeras mortes ocasionadas pela febre amarela que os revolucionários – negros e mulatos –, liderados por Dessalines e Christophe, conseguiram, finalmente, tomar o poder de Saint-Domingue.

Allende (2009) relata em seu romance que a proclamação da independência de Saint-Domingue ocorreu em dezembro de 1803. Para os historiadores Jackson e Bacon (2010), foi em janeiro de 1804 que os ex-escravos da ilha, somados aos mulatos, proclamaram a independência do Haiti e que Dessalines se tornou o governador vitalício da ilha.

Independente do mês exato de sua proclamação, sabe-se que o Haiti assumiu a condição de primeiro estado independente da América Latina e a primeira república negra do mundo. “*To protect their vision of that renewed community, creoles defied the world and formed their own republic, Haiti*”⁵² (GARRIGUS, 2006, p. 314). O historiador Geggus (2002) afirma que a insurreição escrava de Saint-Domingue foi a maior registrada na história do “Novo Mundo”.

A Revolução Haitiana (1791-1804) libertou tanto o lado ocidental da ilha, sob domínio francês, quanto o lado oriental, sob domínio espanhol. Ela também alforriou os escravos negros trazidos da África e aqueles nascidos na colônia francesa, os *créoles*. Em 1821, o lado leste da ilha caribenha, Santo Domingo, tornou-se a atual República Dominicana. Tanto o Haiti quanto a República Dominicana, atualmente, pertencem à região do Caribe.

Conforme Jackson e Bacon (2010), Dessalines foi morto em 1806 e Henri Christophe e Alexandre Pétion lutaram pelo controle da nação; com Christophe, presidindo uma monarquia no norte, e Pétion, governando no sul. Em 1820, Christophe enfrentou um motim e se matou; Jean-Pierre Boyer⁵³, o sucessor de Pétion, tornou-se presidente de todo o país. Entretanto, a França somente reconheceu o Haiti em 1825 e a Grã-Bretanha em 1833.

No capítulo *Los americanos*, Allende (2009) narra que, após a derrota das tropas napoleônicas no Haiti, chegou uma segunda grande massa de refugiados em

Nova Orleans. De Saint-Domingue “[...] *llegaba un barco tras otro cargado de civiles y soldados enfermos de fiebre, que representaban un peligro político por sus ideas revolucionarias, y de salud pública por la posibilidad de una epidemia*”⁵⁴ (ALLENDE, 2009, p. 403). Além disso, essa segunda leva de refugiados era muito diferente dos primeiros; eram bonapartistas radicais e ateus, bem diferentes dos monarquistas católicos que haviam chegado antes. Essas diferenças geraram um choque cultural no território que agora era americano e não mais francês, porque Bonaparte havia vendido Luisiana aos americanos em 1803, no mesmo período em que foi proclamada a independência do Haiti. Três anos antes, o estado da Luisiana pertencia aos espanhóis, os quais cederam essa região aos franceses, mediante o tratado secreto de São Ildefonso.

A historiadora francesa Nathalie Dessens, em *From Saint-Domingue to New Orleans* (2007), descreve que os refugiados brancos e negros de Saint-Domingue vieram para o sul da região do Mississippi, especialmente Nova Orleans, para escapar da revolução dos escravos. Entre 1791 e 1815, aproximadamente 20 mil refugiados de Saint-Domingue se estabeleceram na região do baixo Mississippi, oitenta a noventa por cento em Nova Orleans e nos arredores. Considerando a população de Nova Orleans na época, os censos dão os números de 5.028 em 1785, 8.056 em 1799 e 17.242 em 1810. O afluxo multirracial era enorme e mais do que dobrou o tamanho da população de Nova Orleans livre de cor. Essa migração não poderia deixar de ter um profundo impacto no contexto social, econômico, político e cultural da Luisiana. Eventualmente, reforçou a exceção cultural da Luisiana nos Estados Unidos, bem como os esforços conscientes dos luisianos para desacordar do resto do sul americano.

Em *La isla bajo el mar* (2009), as descrições sobre o levante de origem escrava vão até o término do conflito haitiano e não há relatos sobre as primeiras lideranças negras do Haiti. Provavelmente, foi por esse motivo que a escritora não fez referência a Henri Christophe, que, de líder rebelde, tornou-se o primeiro monarca negro da parte norte do Haiti. O reinado de Henri Christophe é amplamente reescrito por Alejo Carpentier na obra *El reino de este mundo* (2012[1949]).

O término do conflito haitiano não encerra a narrativa híbrida de Isabel Allende (2009). A escritora ainda relata a sequência da vida dos personagens fictícios mesclada aos relatos historiográficos do início do século XIX em Nova Orleans. Desse modo, observa-se a necessidade da sequência de um estudo literário-histórico da obra *La isla bajo el mar* (2009) sobre os refugiados de Saint-Domingue nessa região norte-americana.

CONCLUSÃO

La isla bajo el mar (2009) proporcionou uma releitura literária crítica sobre a história da revolução haitiana. A partir da abordagem da obra e da fundamentação histórica, constante neste trabalho, foi possível analisar alguns fatos históricos e fictícios, ocorridos em Saint-Domingue, durante os momentos que antecedem o conflito, a sua trajetória e o seu término. Por mais que o foco narrativo seja voltado à resistência e à superação feminina, o conflito principal da narrativa híbrida é a revolução haitiana. É devido à revolução que os personagens principais refugiam-se em Cuba e, posteriormente, em Nova Orleans.

A releitura do conflito foi narrada de forma concisa, seguindo a sequência temporal descrita pelos relatos históricos; da mesma maneira, foram expostas as principais ações e pessoas envolvidas com o levante escravo.

Os elementos historiográficos inseridos na tessitura de *La isla bajo el mar* são muito bem referenciados. A representação ficcional da cultura, da sociedade, da economia e da política de Saint-Domingue é fiel à história ocorrida nessa ilha nos últimos anos do século XVIII e início do século XIX, o que confere verossimilhança à releitura ficcional desse passado.

Mesclados à historiografia tradicional, Allende (2009) cria personagens e enredos fictícios. Tais personagens, mesmo não tendo documentação histórica, são, geralmente, representações de grupos humanos sintetizados nessas configurações. Assim, Zarité simboliza todas as escravas haitianas, Valmorain é a encarnação de todos os *grand blancs*, Gambo é a mimese dos escravos fugitivos dos quilombos e dos rebeldes revolucionários, e Etienne Relais pode ser caracterizado como a representação da soberania francesa sobre a colônia e a resistência à guerra.

Em muitos momentos da narrativa, a ficção e a história são confluentes, como são as descrições dos primeiros povos autóctones da ilha, os Arahucos; os problemas sociais envolvendo os *grands blancs*, *petits blancs* e *affranchis*; os conflitos de interesses entre a colônia e a metrópole francesa; a rebelião organizada por Vincent Ogé e Jean-Baptiste Chavannes; a existência de François Macandal; a insurreição dos escravos e os ataques às plantações; as incessantes fugas dos escravos aos quilombos; o militar francês, Leger-Félicité Sonthonax; a guerra civil; a abolição dos escravos; o líder negro, Toussaint Louverture; a febre amarela; os refugiados de Saint-Domingue em Nova Orleans e a vitória dos negros rebeldes. Outras vezes, a ficção se mostra divergente em relação à história, como ocorre com a inserção das personagens Tété, Valmorain, Gambo, Etienne Relais e o doutor Parmentier e de suas ações descritas neste artigo. A vasta plantação de açúcar de Valmorain, Saint-Lazaré também é fictícia,

porém a produção de açúcar e a localização, região norte de Saint-Domingue, não foram criações fictícias ao acaso. Isabel Allende (2009) criou essa fazenda com base nos relatos historiográficos, os quais apontam que a maioria dos *grands blancs* da ilha cultivavam a cana-de-açúcar para exportação; do mesmo modo, foi nessa região que iniciou o levante escravo de Saint-Domingue. A escritora também enaltece alguns relatos místicos, como é o caso das transformações zoomórficas, as manifestações espirituais e as projeções de François Macandal na memória coletiva do povo haitiano.

NOTAS

- ¹ Graduada em Secretariado Executivo Bilingüe (1998-2002) e Letras Português/Inglês (2004-2009) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; especialista em Gestão Empresarial (2003-2005) pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel; mestranda na área de Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados e Literatura pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel. Integrante do projeto de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. Colaboradora do projeto de extensão “Estudos das teorias contemporâneas de análise literária”, do PELCA. E-mail: tatianapereiratonet@gmail.com. Artigo sob orientação de Gilmei Francisco Fleck: Professor Associado da UNIOESTE/Cascavel, atuando na Graduação em Letras, nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas, no Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado Acadêmico e Doutorado) nas áreas de Literatura Comparada e Tradução e no Mestrado Profissional (Profletras) na área da Literatura Infante-juvenil. Pós-doutor em Literatura Comparada e tradução pela UVigo-Espanha. Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Coordenador do PELCA (Programa de Ensino de Literatura e Cultura). Coordenador do Projeto de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br.
- ² É o termo usado para se referir àqueles que nascem nas Américas ou para animais e plantas deste continente, e a língua crioula é um idioma cuja origem é a junção do francês com diversas línguas africanas.
- ³ Na literatura consultada foram encontradas mais duas nomenclaturas usadas para Arahuaos: Arauacos e Arawaks.
- ⁴ A expressão é usada por Fleck (2011) no artigo Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento. Zilá Bernd (1998) explica que o termo vem sendo usado pela crítica pós-moderna para designar a composição de dois elementos diversos anormalmente reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas.
- ⁵ Na literatura consultada foram encontradas mais duas nomenclaturas usadas para Arahuaos: Arauacos e Arawaks.
- ⁶ “Em menos de cinquenta anos, não sobrou um só arahuaco vivo para contar a história: todos morreram, vítimas da escravidão, das doenças europeias e do suicídio” (ALLENDE, 2010, p. 11).
- ⁷ “O cultivo mais exigente era o da cana-de-açúcar, o ouro doce da colônia; cortar a cana, triturá-

la e reduzi-la a melação não era trabalho de gente, mas de bicho, como diziam os plantadores” (ALLENDE, 2010, p. 12).

- ⁸ Nossa tradução livre: “[...] Ao longo do século XVIII, os plantadores franceses foram capazes de superar a produção total de todas as colônias britânicas das Antilhas [...] poderiam competir com os ingleses no mercado europeu de açúcar” (PONS, 1991, p. 124).
- ⁹ Nossa tradução livre: “[...] os grands blancs mais bem-sucedidos conseguiram fortunas, com as quais poucos franceses poderiam sonhar” (POPKIN, 2012, p. 20).
- ¹⁰ “Vinhão dos quatro pontos cardeais, e era absolutamente impossível investigar a pureza de seu sangue ou mesmo o seu passado” (ALLENDE, 2010, p. 15).
- ¹¹ “[...] mulatos livres, ou affranchis, existiam mais de sessenta classificações segundo a percentagem de sangue branco, que determinava seu nível social” (ALLENDE, 2010, p. 15).
- ¹² Nossa tradução livre: “[...] Durante a década de 1780 a população de cor (mulatos livres) tinha mais que dobrado; alcançou a cifra de 28.000 indivíduos [...]” (PONS, 1991, p. 125).
- ¹³ Nossa tradução livre: “[...] ‘a natureza criou várias espécies de homens, assim como ela criou várias espécies de animais’ [...]” (POPKIN, 2012, p. 32).
- ¹⁴ Nossa tradução livre: “Em Paris, vários plantadores descontentes se organizaram no famoso clube Massiac, o qual conspirou para obter certo grau de autonomia política para Saint-Domingue e a libertação de seu comércio” (PONS, 1991, p. 125).
- ¹⁵ “[...] onde tinha negócios que não lhe convinha divulgar. Como todos os colonos de Saint-Domingue, devia negociar apenas com a França, mas existiam mil maneiras engenhosas de burlar a lei, e ele conhecia inúmeras” (ALLENDE, 2010, p. 32).
- ¹⁶ “[...] os affranchis tinham enviado delegações a Paris para reclamar seus direitos de cidadão perante a Assembleia Nacional, porque em Saint-Domingue nenhum branco, rico ou pobre, estava disposto a reconhecê-los” (ALLENDE, 2010, p. 123).
- ¹⁷ Nossa tradução livre: “[...] affranchis, gente de cor livre (em sua grande maioria mulatos, se bem que também havia algum negro) – ainda eram mais desafetos ao sistema colonial francês” (PONS, 1991, p. 125).
- ¹⁸ Nossa tradução livre: “[...] era a que tinha os problemas econômicos e sociais mais complexos” (PONS, 1991, p. 124).
- ¹⁹ “O resultado era o estrago e o caos, como o que acontecera com um tal Vincent Ogé, um mulato rico que fora a Paris exigir igualdade de direitos para os affranchis e voltara com o rabo entre as pernas [...]” (ALLENDE, 2010, p. 147).
- ²⁰ “Trezentos mulatos bem armados! Foi preciso todo o peso do regimento de Le Cap para derrotá-los [...]” (ALLENDE, 2010, p. 147).
- ²¹ “– Deve estar se perguntando por que o chamei, tenente-coronel Relais – disse Blanchelande, mexendo o açúcar no café. – O que acha da situação em Saint-Domingue?” (ALLENDE, 2010, p. 163).
- ²² Nas bibliografias, ora o nome aparece como “Macandal”, ora como “Mackandal”.
- ²³ “[...] haveria de sacudir a ilha como um terrível furacão” (ALLENDE, 2010, p. 59).
- ²⁴ “Perdera o braço direito num acidente terrível, e, inutilizado para os canaviais, seu dono mandara-o cuidar do gado.” (ALLENDE, 2010, p. 58).
- ²⁵ “‘Voltarei! Voltarei!’” (ALLENDE, 2010, p. 61).
- ²⁶ “Nós, escravos, sabíamos que os que fugiam se escondiam nas montanhas, mas não sabíamos

- que atrás dos primeiros topos havia muitos outros, tantos que não se podia nem contar” (ALLENDE, 2010, p. 49).
- ²⁷ “Dizem que a mensagem foi levada pelos tambores de calenda em calenda, de hounfort em hounfort, de ajoupa em ajoupa [...]” (ALLENDE, 2010, p. 167).
- ²⁸ “Eu me perdi no bairro do porto, mas podia ver as montanhas ao longe, e tudo era uma questão de andar naquela direção” (ALLENDE, 2010, p. 49).
- ²⁹ “Nos dias, semanas e meses seguintes, Gambo iria descobrir o mundo dos fugitivos, que existia na mesma ilha e ao mesmo tempo, mas em outra dimensão, um mundo como o da África [...]” (ALLENDE, 2010, p. 155).
- ³⁰ “Os acampamentos estavam espalhados nos pontos mais impenetráveis das montanhas, verdadeiras aldeias, milhares e milhares de homens e mulheres fugidos da escravidão, e seus filhos, nascidos livres” (ALLENDE, 2010, p. 155).
- ³¹ Nossa tradução livre: “Blanchelande assistiu com horror como a cabeça de um de seus oficiais – reconhecível a uma distância devido ao seu cabelo branco – foi levantada uma lança acima do acampamento dos insurgentes” (DUBOIS, 2004, p. 139).
- ³² Nossa tradução livre: “[...] buscavam a igualdade com os brancos, e, eventualmente, sua independência. O que ninguém pensava ou dizia era que os escravos negros tinham direitos ou os mereciam” (PONS, 1991, p. 126).
- ³³ Nossa tradução livre: “[...] os escravos tomaram consciência de sua condição e das possibilidades que se abriam para escapar dela, tal como havia previsto o lendário rebelde François Macandal em 1758” (PONS, 1991, p. 126).
- ³⁴ Na literatura consultada também foi encontrada a nomenclatura ‘Bois Cayman’.
- ³⁵ “É uma floresta imensa, um lugar de encruzilhadas e árvores sagradas, onde se aloja Dambala em sua forma de serpente, loa das nascentes e dos rios, guardião da floresta” (ALLENDE, 2010, p. 165).
- ³⁶ “[...] Gambo chegou com o grupo de Zamba Boukman, um gigante que inspirava respeito duplamente por ser chefe de guerra e hungan” (ALLENDE, 2010, p. 166-167).
- ³⁷ Nossa tradução livre: “[...] a grande insurreição de escravos na Província do Norte, que começou em 22 de agosto de 1791, mergulhou a colônia em uma crise [...]” (POPKIN, 2007, p. 45).
- ³⁸ “[...] – Esta boa mulher, Tété, devia ter sido emancipada há sete anos, conforme este documento. Não é assim, monsieur Valmorain?” (ALLENDE, 2010, p. 344).
- ³⁹ “Os ingleses haviam desembarcado no sul e seria questão de dias Saint-Domingue se declarar independente e se abrigar sob a bandeira britânica” (ALLENDE, 2010, p. 219).
- ⁴⁰ Nossa tradução livre: “Em contraste com os outros líderes do movimento, Toussaint não era mais um escravo em 1791; ele ganhou sua própria liberdade muitos anos antes” (POPKIN, 2012, p. 43).
- ⁴¹ “[...] o comissionado Sonthonax e o governador teriam que chegar a um acordo com ele, porque comandava um exército muito organizado e contava com o apoio dos espanhóis do outro lado da ilha” (ALLENDE, 2010, p. 210).
- ⁴² Nossa tradução livre: “Toussaint Louverture, um antigo creole doméstico, aceitou a proclamação e passou para o lado francês com uns 4.000 homens” (PONS, 1991, p. 127).
- ⁴³ Nossa tradução livre: “Alguns apoiaram o governo francês, embora eles estivessem insatisfeitos

com a abolição da escravatura. Outros apoiaram os grands blancs, aliados dos ingleses” (PONS, 1991, p. 127).

- ⁴⁴ Nossa tradução livre: “Uma quarta parte da produção iria parar nas mãos dos trabalhadores, a metade devia ser entregue ao Tesouro Público, enquanto o quarto restante permaneceria nas mãos dos proprietários” (PONS, 1991, p. 128).
- ⁴⁵ “Napoleão vencera ‘o maior general negro da história’” (ALLENDE, 2010, p. 365).
- ⁴⁶ “– Faz sete meses que morreu Toussaint Louverture. Outro crime de Napoleão. Mataram-no de fome, frio e solidão na prisão [...] – A morte de Toussaint não significa o fim da revolução. Agora o general Dessalines está no comando” (ALLENDE, 2010, p. 368).
- ⁴⁷ Nas bibliografias consultadas, o nome aparece grafado ora como ‘Henri Christophe’, ora como ‘Henry Christophe’.
- ⁴⁸ Ex-escravo negro e um dos líderes rebeldes da revolução escravocrata de Saint-Domingue. Após a proclamação da independência, assumiu o poder da parte norte da ilha, autoproclamando-se o rei do Haiti. O reinado de Henri Christophe é marcado por seu absolutismo e pela exploração da população para construir a Ciudadela La Ferrière.
- ⁴⁹ Nossa tradução livre: “Os exércitos de ambos os lados massacraram civis, prisioneiros inimigos e aqueles que eles consideravam traidores em potencial em suas próprias fileiras” (PORKIN, 2012, p. 115).
- ⁵⁰ “Dos dezessete mil homens que tinha Leclerc no começo da expedição, sobraram sete mil em condições lamentáveis; do resto havia cinco mil agonizantes e outros cinco mil embaixo da terra” (ALLENDE, 2010, p. 365).
- ⁵¹ Nossa tradução livre: “[...] Os negros e mulatos de Saint-Domingue contaram com a ajuda de um poderoso aliado: a febre amarela” (PONS, 1991, p. 129).
- ⁵² Nossa tradução livre: “Para proteger a visão dessa sociedade reformada, os creoles desafiaram o mundo e formaram sua própria república, o Haiti” (GARRIGUS, 2006, p. 314).
- ⁵³ O mulato Jean-Pierre Boyer era o líder da parte sul do Haiti. Quando Henri Christophe cometeu suicídio, Boyer invadiu, com seu exército, a parte norte da ilha, unificando os poderes da parte norte e sul. Tornou-se o presidente do Haiti e propôs uma administração marcada por um governo liberal.
- ⁵⁴ “[...] chegava um barco atrás do outro carregado de civis e soldados doentes de febre, que representavam um perigo político por suas ideias revolucionárias, e um risco de saúde pública pela possibilidade de uma epidemia” (ALLENDE, 2010, p. 375).

REFERÊNCIAS

- ALLENDE, Isabel. *A ilha sob o mar*. Trad. Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. *La isla bajo el mar*. Barcelona: Randon House Mondadori, 2009.
- BERND, Zilá. *Literatura interamericana – Comparada*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1998.
- CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2012[1949].
- DESSENS, Nathalie. *From Saint-Domingue to New Orleans: migration and influences*. Gainesville:

University press of Florida, 2007.

DUBOIS, Laurent. *Avengers of the new world: the story of the haitian revolution*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap press of Harvard University press, 2004.

FLECK, Gilmei Francisco. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; CARLOS, Ana Maria (Org.). *Cultura e representação: ensaios*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011. p. 81-95.

GARRIGUS, John D. *Race and citizenship in French Saint-Domingue*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

GEGGUS, David Patrick. *The Haitian Revolution: a documentary History*. Cambridge University. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2014.

_____. *Haitian Revolutionary studies*. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

JACKSON, Maurice; BACON, Jacqueline. (Ed.). *African Americans and the Haitian Revolution*. New York: Routledge, 2010.

PONS, Franck Moya. La independencia de Haití y Santo Domingo. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *La independencia*. Trad. Àngels Solà. Barcelona: Editorial Crítica, 1991. p. 124-153. (*Coleção: História de América Latina*, vol. 5).

POPKIN, Jeremy D. *A concise history of the Haitian Revolution*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

_____. *Facing racial revolution: eyewitness accounts of the Haitian Insurrection*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.